

ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

Nair Francisca Fernandes

Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior
Estrada do Sineiro, 6200-209 Covilhã, PORTUGAL
nair_francisca@hotmail.com
T: 00 351 967 891 894

Rosa Marina Afonso

Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior
UNIFAI- Unidade de Investigação e Formação sobre Adultos e Idosos- ICBAS - UP

Henrique Pereira

Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior
UIPES - Unidade de Investigação em Psicologia & Saúde – ISPA-IU

Manuel Joaquim Loureiro

Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior
CIDESD - Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (Grupo Saúde).
UTAD - Pólo da UBI

Fecha de recepción: 23 de julio de 2012

Fecha de admisión: 17 de noviembre de 2012

RESUMO

É fundamental esclarecer as pessoas sobre o processo de envelhecimento, uma vez que surgem, frequentemente, situações de discriminação em relação às pessoas idosas baseadas na idade- ageism ou idadismo. O objetivo deste estudo é analisar a percepção da discriminação que os idosos sentem. Para tal, foi utilizada a escala Ageism Survey (Palmore, 2001, adapt. pop. portuguesa por Ferreira-Alves & Novo, 2006). Participaram no estudo 698 sujeitos, com idades entre os 60 e os 98 anos, 491 residentes na comunidade e 205 em lar. Os resultados sugerem a existência de percepção de discriminação baseada na idade por parte dos idosos. As situações de discriminação mais frequentemente percebidas reportam-se a contextos de saúde. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os idosos residentes em lares e na comunidade. Este estudo alerta, assim, para a presença/percepção de ageism e, conseqüentemente, para a necessidade de investigações e intervenções nesta área para que as pessoas idosas possam viver com mais qualidade o seu processo de envelhecimento.



AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

PALAVRAS-CHAVE

Ageism; envelhecimento; pessoas idosas.

INTRODUÇÃO

O aumento da esperança média de vida e o envelhecimento da população desencadearam uma reconfiguração de etapas no ciclo do envelhecimento humano. O envelhecimento é, na perspectiva de desenvolvimento ao longo do ciclo vital de Baltes, um processo de desenvolvimento caracterizado por ganhos e perdas que se processa (Murillo, Correa & Aguirre, 2006). Esta etapa desenvolvimental é, maioritariamente, caracterizada por perdas, contudo, envelhecer não é sinónimo de estar doente ou incapacitado (Hartmann, 2008). Ao longo da velhice são ativados mecanismos de resiliência psicológica e de regulação da perda que fazem que com esta etapa possa ser vivida com bem-estar e qualidade de vida. Contudo, o facto de prevalecerem, socialmente, estereótipos que valorizam a juventude (Ferreira-Alves & Novo, 2006) gera, frequentemente, uma desvalorização das pessoas mais velhas que podem tornar-se vítimas de exclusão social (Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Nesta linha, surge o conceito de ageism ou idadeísmo como sendo uma forma de discriminação com base na idade que geralmente ocorre em relação às pessoas mais velhas (Palmore, 1999 cit in Palmore, 2004).

O ageism manifesta-se a nível individual, instrumental e social. Assim, a nível individual pode reportar-se a situações em que é evitado o contacto com pessoas idosas ou são formadas atitudes e estereótipos negativos acerca dos idosos. A nível instrumental refere-se a situações de discriminação no emprego ou instituições para idosos. A nível social, a discriminação refere-se a situações de falta de igualdade, linguagem idadista e segregação pela idade (McGuire, Klein & Chen, 2008). Assim, o ageism pode manifestar-se através de mitos, estereótipos, práticas discriminatórias tanto no local de trabalho como na educação ou serviços de saúde (Schroots, 2003; Couto, 2005).

Como consequências do ageism, para o idoso, pode destacar-se o isolamento, a institucionalização, a diminuição da atividade e conseqüentemente da percepção de autoeficácia e o aumento dos maus-tratos nesta etapa de desenvolvimento. Por outro lado, a importância exagerada dada à juventude também influencia de uma forma negativa o idoso, podendo suscitar conflitos intergeracionais o que permite o afastamento da população idosa da restante sociedade (Palmore, 1999).

Como resposta ao Ageism, Palmore (1999) destaca estratégias utilizadas pelos idosos: aceitação, que se traduz pelo afastamento voluntário por parte do idoso; negação, quando a pessoa idosa se esforça por parecer mais jovem, recorrendo muitas vezes a cirurgias plásticas; evitamento que pode conduzir a comportamentos como o isolamento, consumo de substâncias, manifestação de doenças mentais e a reforma, que é considerada pelo autor a resposta positiva que visa eliminar a manutenção dos estereótipos através da não conformidade com os mesmos, promovendo a procura de atividades aliciantes e prazerosas.

A base das atitudes de ageism são as imagens e estereótipos baseados em crenças erróneas que tendem a associar a velhice a senilidade, fraqueza e dependência (Catita, 2008). O desenvolvimento destas atitudes é iniciado ainda na infância, quando são criadas imagens do idoso (Dobbs et al., 2008). De acordo com Levy (2003) a construção da forma como a pessoa percebe o seu envelhecimento passa por dois estádios. Inicialmente os estereótipo e vão sendo internalizados desde a infância através da socialização. Nesta fase, os estereótipos ainda não tem qualquer impacto na auto-percepção, uma vez que são dirigidos a indivíduos exteriores ao grupo. Num segundo momento, quando o indivíduo atinge uma idade avançada, os estereótipos tornam-se auto-estereótipos. Aqui, o idoso apercebe-se que faz parte de um grupo ao qual são atribuídas determinadas características, havendo uma identificação com o grupo (Macia, Lahmam, Baali, Boëtsch & Lucciani, 2009) e adoptando atitudes congruentes com os mesmos (Cathalifaud, Thumala, Urquiza & Ojeda, 2007). Este mecanismo é visível quando se observam atitudes discriminatórias dos idosos em rela-



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

ção ao seu próprio grupo ou quanto a si próprios. Nesta linha, alguns declínios e algumas situações /interações de discriminação baseada na idade – ageism – são, também, devidas aos estereótipos sociais e aos auto-estereótipos sobre a velhice.

O papel dos estereótipos é, assim, fundamental na percepção e atitudes que os idosos têm em relação a si próprios. É por isso, fundamental, que se procure aumentar o bem-estar dos idosos através da diminuição de atitudes discriminatórias.

MÉTODO

Objetivos

Esta investigação tem os seguintes objetivos:

- Identificar as formas mais frequentes através das quais as pessoas idosas se sentem mais discriminadas.
- Averiguar se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade – ageism- comparativamente entre homens e mulheres idosos.
- Averiguar se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade, comparativamente entre grupos com diferente estado civil, escolaridade e última profissão.
- Averiguar se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade, comparativamente idosos residentes em meio rural e idosos residentes em meio urbano.
- Averiguar se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade entre idosos institucionalizados e não institucionalizados.

Amostra

Participaram no estudo 698 sujeitos, com idades entre os 60 e os 98 anos, sendo a média 74,72 anos (DP=7,93). 280 (40,1%) sujeitos são do género masculino e 418 (59,9%) do género feminino. No que respeita o estado civil, 49 (7%) dos sujeitos são solteiros, 395 (56,6%) são casados, 14 (2%) são divorciados, 237 (34%) são viúvos e 3 (0,4%), têm outro estado civil. As características sociodemográficas são apresentadas na Tabela 1.

	N(%)
Sexo	
Masculino	280 (40,1%)
Feminino	418 (59,9%)
Idade	
Entre os 60 e os 70 anos	243 (34,8%)
Entre os 71 e os 80	282 (40,4%)
Mais de 81 anos	173 (24,8%)
Estado Civil	
Solteiro	49 (7%)
Casado	395 (56,6%)
Divorciado	14 (2%)
Viúvo	237 (34%)
Outro	3 (0,4%)
Escolaridade	
Não sabe ler nem escrever	92 (13,2%)
1º - 4º ano	469 (67,2%)
5º - 6º ano	46 (6,6%)
7º - 9º ano	28 (4%)
Ensino secundário	31 (4,4%)
Ensino Superior	31 (4,4%)
Última Profissão	
Setor primário	177 (25,4%)
Setor secundário	247 (35,4%)
Setor terciário	191 (27,4%)
Outro	83 (11,6%)
Local Residência	
Residência	491 (70,3%)
Lar	205 (29,4%)
Outro	2 (0,3%)
Contexto Residência	
Rural	414 (59,3%)
Urbano	284 (40,7%)



AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Questionário para recolha de informações sobre género, idade, estado civil, escolaridade, última profissão, local e contexto de residência a percepção de saúde.

Ageism Survey

A escala Ageism Survey foi construída por Palmore (2001) e foi adaptada para a população portuguesa por Rosa Novo e Ferreira Alves (2006). A escala avalia a percepção de discriminação relativa à idade. É constituída por 20 itens, avaliados numa escala de tipo Likert de 3 pontos. Relativamente a cada item, o participante deve assinalar o número que corresponde à frequência que o respetivo episódio ocorreu: (0) “nunca ocorreu”, (1), “ocorreu uma vez” ou (2) “ocorreu mais do que uma vez”.

No âmbito desta investigação foi estudada estrutura fatorial da escala, através da rotação vari-max, o que permitiu organizar os itens em 3 fatores, cuja análise da consistência interna se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2. Alpha de Cronbach dos factores da escala Ageism Survey (N=698)

	Alpha de Cronbach
Escala Completa	0,81
Factor 1 - Apoio social e médico	0,727
Factor 2 - Integração do idoso na sociedade	0,716
Factor 3 - Criminalidade /agressividade	0,518

Procedimento

Após a revisão da literatura e escolha /preparação instrumentos solicitou-se a colaboração /participação no estudo junto de pessoas idosas residentes na comunidade e academias/espacos seniores e lares da terceira idade. Posteriormente, foi feita a aplicação individual dos questionários após consentimento informado junto dos participantes.

Os questionários foram aplicados individualmente por estudantes de mestrado da Universidade da Beira Interior, no âmbito das unidades curriculares de gerontologia e psicogerontologia, provenientes de diferentes zonas do país. Nos casos em que os participantes não sabiam e/ou tinham dificuldades em ler e/ou escrever, o investigador aplicou o questionário oralmente. Quanto aos participantes residentes em lares, os técnicos da instituição (assistentes sociais ou psicólogos) encaminharam para o estudo os utentes que consideravam ter, a nível cognitivo, competências para responder. Foi sempre garantido o consentimento informado.

A análise de dados foi realizada com o Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 19.0 para Windows. Foram feitas as estatísticas descritivas para se caracterizar a amostra. Foi estudada estrutura fatorial da escala, através da rotação varimax, que permitiu organizar os itens em 3 fatores, sendo a seguir analisada a consistência dos factores através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach.

Para a comparação dos índices de percepção de discriminação entre os grupos, foram utilizados os testes Qui Quadrado e o teste Kruskal-Wallis. Para a análise estatística das informações recolhidas foi estabelecido como nível de significância $p < 0,05$.



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

RESULTADOS

Identificar as formas mais frequentes através das quais as pessoas idosas se sentem mais discriminadas.

Os resultados sugerem que existe um reconhecimento relativamente frequente da discriminação relativa à idade entre os participantes. As formas mais frequentes de discriminação relativa às pessoas idosas, identificadas neste estudo referem-se ao fato de alguém assumir que o idoso ouviria mal devido à idade, considerar que a pessoa não compreendia bem devido à idade, considerar que as dores se devem à idade avançada ou falar de forma condescendente ou paternalista para com o idoso. Os resultados indicam, no entanto que, a grande maioria dos casos não considera ser discriminados devido à idade. A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos e permite a comparação dos dados obtidos neste estudo com os encontrados por Ferreira-Alves & Novo (2006) e os resultados da investigação de Palmore (2001).

Tabela 3. Percentagem de reconhecimento de diferentes episódios de discriminação devido à idade avançada (n=698).

Itens	Reconhecimento de Discriminação (%)								
	Portugal (n=324)			EUA (n=84)			Atual Estudo (n=698)		
	Nunca	1 Vez	>1 Vez	Nunca	1 Vez	>1 Vez	Nunca	1 Vez	>1 Vez
1. Contar anedota	79	5	16	42	17	42	66,5	17,5	16
2. Enviar cartão	99	1	0,3	70	12	18	95,8	3,7	0,4
3. Ser ignorado	77	9	14	69	15	15	64,6	16,8	18,5
4. Sofrer insulto	84	7	9	82	10	8	78,2	12,8	9
5. Paternalismo	79	9	11	61	20	19	55,9	15,8	28,1
6. Recusa de arrendamento	99	1	0,3	99	0	1	97,1	1,9	1
7. Obter empréstimo	97	3	0,3	92	5	4	90,8	7,0	2,1
8. Negar liderança	90	1	8	92	7	1	90,8	7,3	1,9
9. Rejeição p/ aparência	91	3	6	82	8	10	90,5	5,9	3,4
10. Falta de respeito	86	5	9	70	10	20	82,1	7,7	10,2
11. Ser ignorado	97	2	1	89	6	5	91,1	5,6	3,3
12. Associar dores à velhice	68	14	18	57	24	19	55,7	16,2	28,1
13. Negar tratamento	95	2	3	92	4	5	90,8	5,3	3,9
14. Negar emprego	95	4	1	95	5	0	88,8	8	3,2
15. Negar promoção	96	2	1	90	8	1	94,7	3,2	2
16. Assumir surdez	70	11	19	67	13	20	51,1	17,6	31,1
17. Assumir incompreensão	70	9	21	69	14	17	51,9	19,5	28,7
18. Ser demasiado velho	86	6	8	57	17	26	67,5	16,6	15,8
19. Casa vandalizada	98	1	1	95	4	1	96,6	2,6	0,7
20. Vítima de crime	95	3	2	95	2	2	96,7	2,6	0,7
Média	88	6	8	78	10	11	79,86	9,68	10,41



AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

Averiguar, se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade – Ageism – comparativamente entre homens e mulheres idosos.

Os indivíduos do género masculino apresentam uma média (M=26,19; DP=5,16) superior à das mulheres (M=26,12; DP=5,73), no entanto, estas diferenças não são estatisticamente significativas ($X^2=29,25$; $p=0,50$). Não foram, igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas comparativamente entre géneros ao nível dos factores.

Tabela 4. percepção de discriminação comparativamente entre géneros.

	Escala Total				Factor 1				Factor 2				Factor 3			
	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}
Género																
Masculino	277	26,19	5,16	29,26	280	9,28	2,94	7,48	279	7,64	1,37	10,38	280	2,08	0,34	2,50
Feminino																
	415	26,12	5,73	29,26	417	9,22	3,03	7,48	417	7,66	1,57	10,38	417	2,08	0,40	2,50

Nota: * p <0,05; ** p <0,01; *** p <0,001

Averiguar se existem diferenças na percepção de discriminação relacionadas com idade no que diz respeito às variáveis estado civil, escolaridade e última profissão.

Quanto à variável estado civil, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente à percepção de discriminação. O mesmo se observou em relação à variável escolaridade. Os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas relativamente à variável última profissão, tanto em relação à escala total como em relação aos factores 1 e 2, “Apoio Social/Médico” e “Integração do Idoso na Sociedade”. Estes dados encontram-se apresentados na Tabela 5.

Tabela 5. Percepção de discriminação comparativamente entre estado civil, escolaridade, e última profissão.

	Escala Total				Fator 1				Fator 2				Fator 3			
	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}	N	M	DP	X^2_{IH}
Estado civil				0,428				0,518				0,56				0,389
Solteiro	47	25,91	5,61		49	8,94	2,92		48	7,79	1,91		49	2,10	0,59	
Casado	392	25,81	5,18		394	9,09	2,84		394	7,59	1,42		395	2,06	0,30	
Divorciado	14	27,14	5,76		14	9,07	2,59		14	8,50	1,99		14	2,14	0,53	
Viúvo	236	26,70	5,96		237	9,56	3,24		237	7,68	1,49		236	2,11	0,43	
Outro	3	26,00	6,25		3	10,33	3,51		3	7,00	0,00		3	2,00	0,00	
Escolaridade				0,001**				0,000***				0,009*				0,511
Não sabe ler	92	27,52	6,08		92	10,25	3,29		92	7,48	1,06		92	2,14	0,48	
1º - 4º Ano	466	26,05	5,43		469	9,21	2,91		469	7,64	1,47		468	2,07	0,36	
5º - 6º Ano	45	25,11	4,97		46	8,61	2,95		45	7,53	1,82		46	2,07	0,33	
7º - 9º Ano	28	28,71	6,63		28	9,96	3,09		28	9,00	2,62		28	2,07	0,38	
Liceu	30	23,73	3,79		30	7,63	2,19		31	7,39	0,72		31	2,13	0,43	
Ensino Superior	30	24,90	4,42		31	8,68	2,98		30	7,57	1,10		31	2,06	0,25	
Última Profissão				0,005*				0,000***				0,423				0,037*
Setor Primário	177	26,28	5,14		177	9,42	2,67		177	7,47	0,94		177	2,05	0,26	
Setor Secundário	244	25,59	5,49		247	8,86	2,93		247	7,67	1,56		247	2,06	0,33	
Setor Terciário	189	26,10	5,64		191	9,06	3,04		190	7,67	1,63		190	2,08	0,40	
Outro	80	27,68	5,85		80	10,46	3,39		81	7,92	1,88		81	2,20	0,60	

Nota: * p <0,05; ** p <0,01; *** p <0,001



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

Averiguar, se existem diferenças na percepção de discriminação relativa à idade, entre idosos residentes no meio rural e idosos residentes no meio urbano.

Os resultados não indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas na percepção de discriminação relativa à idade entre pessoas idosas residentes contexto rural e urbano nem na escala global nem nos factores 2 e 3. São, no entanto, encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao factor 1: “Apoio Social/Médico” que indicam que as pessoas idosas residentes em contexto rural se sentem mais discriminadas do que as que residem em contexto urbano. Estes resultados encontram-se apresentados na Tabela 6.

Tabela 6. Percepção de discriminação em pessoas idosas residentes em contexto rural e urbano.

	Escala Total				Fator 1				Fator 2				Fator 3			
	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H
Contexto residência				33,56				24,32**				16,04				0,94
Rural	411	26,35	5,69		414	9,34	3,06		413	7,66	1,44		413	2,08	0,39	
Urbano	281	25,85	5,21		283	9,10	2,87		283	7,64	1,57		284	2,07	0,35	

Nota: * p <0,05; ** p <0,01; *** p <0,001

Averiguar se existem diferenças na percepção da discriminação relativa à idade entre idosos institucionalizados e não institucionalizados.

A média das respostas dos idosos institucionalizados é superior à dos idosos não institucionalizados, no entanto, estas diferenças não são estatisticamente significativas, tal como aparece na Tabela 7.

Tabela 7. Descrição comparativa dos valores da percepção de discriminação.

	Escala Total				Fator 1				Fator 2				Fator 3			
	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H	N	M	DP	χ^2/H
Local residência				0,926				0,618				0,742				0,736
Residência	487	26,26	5,63		490	9,34	3,06		490	7,66	1,53		491	2,09	0,41	
Lar de Idosos	203	25,88	5,21		205	9,02	2,81		204	7,64	1,42		204	2,06	0,30	
Outro	2	24,50	0,71		2	8,50	0,71		2	7,50	0,71		2	2,00	0,00	

Nota: * p <0,05; ** p <0,01; *** p <0,001

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Globalmente, os resultados desta investigação alertam para a percepção de discriminação por parte das pessoas idosas. Estes resultados podem relacionar-se com o fato dos próprios idosos, pela familiarização que têm com os estereótipos criados em torno do envelhecimento, contribuírem para a manutenção dos mesmos, desempenhando um papel decisivo na percepção de atitudes em relação ao envelhecimento/pessoas idosas.

Os resultados deste estudo vão de encontro aos resultados do estudo de Ferreira-Alves & Novo (2006) e, também, aos resultados da investigação original de Palmore (2001). No entanto, destaca-



AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

se que, na generalidade dos itens, se observa um aumento na frequência da percepção de discriminação. Assim, os dados alertam para a necessidade de aprofundamento desta problemática, nomeadamente sobre a possível tendência para o agravamento da percepção de situações de ageism.

As maiores oscilações de valores entre o atual estudo e a investigação de Ferreira-Alves & Novo (2006), também realizada com população portuguesa, dizem respeito aos itens relacionados com o paternalismo, a associação de dores à idade e o fato de assumir que a pessoa não compreende devido à idade ou devido ao facto de ser demasiado velho. Ou seja, relativamente aos itens que têm subjacente o apoio social e médico que a pessoa idosa recebe.

Contrariamente ao constatado nesta investigação, o estudo de Palmore (2001), desenvolvido nos EUA, indica que as pessoas idosas percebem a discriminação relativa à idade, com maior frequência, nos itens relacionados com rejeição, falta de respeito, dificuldade em arranjar emprego, assim como atitudes explícitas como contar anedotas e enviar cartões de teor discriminatório em relação aos idosos. Estas diferenças na manifestação e percepção de discriminação das pessoas idosas pode estar relacionada com aspetos culturais e dinâmicas sociais.

Relativamente às diferenças na percepção de discriminação relativa à idade entre indivíduos do género masculino e feminino, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Este resultado vai de encontro ao estudo realizado por Ferreira-Alves & Novo (2006). Ou seja, apesar de serem conhecidas as diferenças de género relativamente ao processo de envelhecimento e suas imagens, estas parecem não afectar diferencialmente a percepção de discriminação em homens e mulheres idosas.

Quanto ao factor idade, a investigação de Ferreira-Alves e Novo (2006) aponta para uma diferenciação na percepção da discriminação, sendo as pessoas de idade mais avançada as que se percebem como sendo mais discriminadas. Os resultados deste estudo não vão de encontro aos resultados de Ferreira-Alves e Novo (2006), uma vez que, quando se compara a percepção de discriminação das pessoas idosas de diferentes grupos etários não se encontram diferenças estatisticamente significativas. Esta discordância de resultados pode estar relacionada com as características da amostra e /ou com diferenças temporais. O facto desta investigação ser desenvolvida alguns anos mais tarde, implica que o contexto social e económico dos respondentes tenha sofrido algumas mudanças que podem ter implicações nas situações de ageism e/ou na sua percepção.

Os resultados desta investigação revelam a existência de diferenças ao nível da percepção de discriminação entre pessoas com diferente nível de escolaridade. As pessoas idosas sem alfabetização ou que possuem baixo nível de escolaridade, parecem perceber, com frequência mais elevada discriminação. Por outro lado, são as pessoas com mais elevado nível de escolaridade que percebem menos discriminação. Este resultado pode estar relacionado com o papel da informação e formação na desconstrução dos estereótipos, a que possivelmente, terão o acesso mais facilitado as pessoas com mais habilitações literárias. Este resultado corrobora a literatura, que defende a formação como um meio para se desenvolver uma maior amplitude de conhecimentos, nomeadamente na área do envelhecimento e da gerontologia, permite contrariar os frequentes estereótipos que associam a pessoa idosa a fragilidade, debilidade, dependência e reduzidas competências cognitivas (Chasteen, Schwarz & Parl, 2002, cit in Gazquez et al., 2009). Segundo Gázquez et al. (2009). Assim, o conhecimento/formação assume um papel fundamental para a mudança de atitudes e crenças relativas à discriminação relacionada com a idade. Estas diferenças são visíveis, sobretudo, nos itens relativos aos fatores de apoio social e médico e da integração do idoso na sociedade.

Os resultados desta investigação indicam que é nos contextos de saúde, que as pessoas idosas mais frequentemente se percebem como sendo discriminadas. Neste contexto, é frequente associar a presença de doença à idade avançada, talvez pelo fato de se lidar, mais com situações de patologia do que com situações de envelhecimento normal, o que pode influenciar as atitudes dos próprios profissionais de saúde para com as pessoas idosas (Ferreira-Alves & Novo, 2006). Estes



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

resultados podem, também relacionar-se com o facto se constatar a presença de estereótipos negativos sobre envelhecimento junto dos profissionais de saúde (Catita, 2008).

Em relação à variável última profissão desempenhada pelos participantes, constata-se diferenças significativas ao nível da percepção de discriminação relativa à idade, sendo o sector terciário aquele em que a percepção é mais evidente. Uma possível explicação para este resultado pode ser o facto das pessoas que trabalham ao nível dos serviços, terem, possivelmente, mais interações com o público, o que as coloca numa situação mais propícia para assistir a comportamentos e atitudes discriminatórias. Estas diferenças são mais evidentes no fator “Apoio Social e Médico”.

Em relação ao “local de residência”, não foram encontradas diferenças significativas. Este dado não vai de encontro ao constatado por Ferreira-Alves & Novo (2006), no qual se chegou à conclusão que os idosos institucionalizados apresentavam maiores índices de percepção da discriminação relativa à idade.

Quanto ao facto da pessoa residir em contexto rural ou urbano, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao fator “Apoio Social e Médico”, sendo os residentes em meio rural, os que manifestam uma percepção de discriminação mais elevada. Este resultado pode estar relacionado com um acesso mais ou menos facilitado a serviços e a informação.

Esta investigação, alerta para o facto dos idosos se perceberem como sendo discriminados devido à sua idade. Este dado remete-nos as situações e atitudes de Ageism presentes a diferentes níveis e contextos, destacando-se a referência a situações relativas à saúde.

O grau de escolaridade, assim como o contexto e o local de residência parecem relacionar-se com a percepção de discriminação relativamente à idade. Podem retirar-se deste estudo algumas implicações práticas, nomeadamente o facto de que a escolaridade e a formação podem contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre a velhice que se encontram na base de situações de ageism.

A realização deste estudo, vem complementar as investigações já realizadas na área e diversificar um pouco o conhecimento na área da discriminação relativa à idade, em Portugal, o que constitui uma potencialidade desta investigação. Por outro lado, e quanto às limitações, pode referir-se o facto de algumas medidas utilizadas e à constituição da amostra.

A atual investigação alerta para a necessidade de aprofundar e descrever situações de ageism e delinear estratégias a longo prazo de combate às mesmas. Destaca-se a questão da educação/formação e a partilha de experiências entre jovens e idosos / intergeracionalidade³ como possíveis estratégias de combate aos ageism e de facilitação de interações sociais promotoras do desenvolvimento ao longo do ciclo vital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cathalifaud, M.A., Thumala, D., Urquiza, A. & Ojeda, A. (2007). La Vejez desde la Mirada de los Jóvenes Chilenos: Estudio Exploratorio. *Ultima Década*, 27, 75-91.
- Catita, P.A.L. (2008). As representações sociais dos enfermeiros do serviço de urgência face ao doente idoso. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Saúde. Universidade Aberta: Lisboa.
- Combe, K. & Schmader, K. (1999). Naturalizing Myths of Aging: Reading Popular Culture. *Journal of Aging and Identity*, 4 (2), 79-109.
- Murillo, E.N., Correa, M.P.C. & Aguirre, O.L.C. (2006). Representaciones de la vejez en relación con el proceso Salud- Enfermedad de un grupo de ancianos. *Hacia la Promoción de la Salud*, 11, 107 – 118.
- Couto, M.C.P.P. (2005). Fatores de Risco e de Proteção na Promoção de Resiliência no Envelhecimento. Projecto de Dissertação apresentado para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul: Porto Alegre.
- Ferreira-Alves, J. & Novo, R.F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1) 65-77.



AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM PESSOAS IDOSAS

- Gásquez, J.J., Pérez-Fuentes, M.C., Fernández, M., González, L., Ruiz, I. & Díaz, A. (2009). Old-Age Stereotypes related to the Gerontology Education: A Intergenerational study. *European Journal of Education and Psychology*, 2 (3), 263-273.
- Hartmann, A.C.V. (2008). Factores asociados a Autopercepção de Saúde em Idosos de Porto Alegre. Tese de doutorado apresentado para obtenção do título de Doutor em Gerontologia Biomédica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Levy, B., & Langer, E. (1994). Aging free from negative stereotypes: Successful memory in China and among the American deaf. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 989-997.
- Levy, B.R. (2003). Mind Matters: Cognitive and Physical Effects of Aging Self-Stereotypes. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 58 (4), 203–211.
- Macia, E., Lahmam, A., Baali, A., Boëtsch, G. & Chapuis-Lucciani, N. (2009). Perception of Age Stereotypes and Self-Perception of Aging: A Comparison of French and Moroccan Populations. *Journal of Cross Cultural Gerontology*, 24, 391–410.
- McGuire, S.L., Klein, D.A. & Chen, S.L. (2008). Ageism revisited: A study measuring ageism in East Tennessee, USA. *Nursing and Health Sciences*, 10, 11–16.
- Palmore, E. (2001). The Ageism Survey: First findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575.
- Palmore, E. (2004). Research note: Ageism in Canada and the United States. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 19, 41–46.
- Palmore, E.B. (1999). *Ageism: Negative and Positive*. Springer Publishing Company: New York.
- Schroots, J. J. F. (2003). Ageism in Science: Fair-Play Between Generations. *Science and Engineering Ethics*, 9 (4), 445-451.
- Veloz, M.C.T., Nascimento-Schulze, C.M. & Camargo, B.V. (1999). Representações Sociais do Envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12 (2), 1-19.